



João Mendes Coelho\*

## Folie à deux

# Delírio de Açorianidade

Lança-se na cadeira como uma âncora, olhos ávidos. Fala sem pausas, num fio que parece vir de um tempo antes do tempo. A voz soa a vento, a rocha e a sal. Mas há algo mais.

“Sabe de que é feita a lava, doutor? Eu venho dessa matéria,” começa, num tom que soa a prece. “O mar e o basalto... a nossa pele tem isso. Herdamos essa dureza, essa resistência antiga, da nossa linhagem... talvez o doutor entenda. Por aqui, enrijecemos, e mesmo os ventos não nos derrubam. Venho dos primeiros, dos que vieram sem saber para onde. Gente das rotas da Índia, d’África, dos mares impossíveis. Isso fica-nos na memória dos ossos. Talhados para ser o que as ilhas fazem de nós. Não sei se percebe.”

Não o interrompo. A cabeça inclina-se, e agora a voz baixa, quase a sussurrar, não parece falar para mim.

“Antes, tudo era Deus... Lembro-me dos antigos, ‘o alfa e o ómega, o princípio e o fim’, como se Deus fosse o farol e a tempestade. Agora, é como se nada houvesse, só a neblina. Sem sentido. Dizem que o desastre quando vem sem mão humana, o aceitamos melhor... somos mais fortes naquilo que vem do céu e da terra. É curioso isso, não é? Um desastre natural... é a nossa casa a lembrar-nos que somos parte dela.”

Procura algo ao longe, algo que só ele vê. E depois fala do incêndio, do hospital, das chamas, do fumo. A voz muda, serena, como se voltasse lá.

“Aquilo... parecia mais um vulcão. Um despertar. E a maneira como tudo se passou, como se carregou cada doente... como numa filarmónica, todos sabiam o que tocar. Tudo tão certo, tão... afinado. E depois, doutor, essa coisa das ambulâncias, dos doentes irem para as outras ilhas... até os mais velhos, sabe? Como se algo superior estivesse ali, só a guiar. Aquela gente toda...”

Baixa a cabeça, esfrega os dedos como que a querer apanhar as ideias soltas.

“Mas claro, claro que houve quem reclamasse, quem viesse dizer que era preciso mais isto, mais aquilo. Sempre há. E é justo. As coisas têm de

ser ditas, postas em causa, mas cuidado! Porque há uma linha... e quem a cruza espalha o caos. O equilíbrio, doutor, esse fio que, se se parte, nos atira ao chão. O apocalipse.”

O seu olhar reencontra o meu, parece esperar uma reação. Solta um esgar quase imperceptível, ao perceber que o acompanho.

“Não sou ingénuo, sei que nem tudo corre perfeito. Mas nós, os açorianos... talvez o doutor já tenha notado: não queremos saber da perfeição. Queremos é que quem está ao leme entenda o pêndulo do tempo e reconheça no basalto o caminho das estrelas, alguém que nos dê rumo. Como a Fé dava. Isso. E nós, que viemos dos que souberam guiar-se pelas estrelas, somos como eles. Precisamos de quem nos devolva isso, essa força, essa certeza... uma luz na escuridão. Porque, mesmo na tempestade, resistimos se tivermos um porto para onde seguir. Não há como os açorianos nisso.”

Respira. Afunda-se na cadeira, as palavras a assentarem-lhe no rosto como uma nova pele. E então, como se uma sombra lhe atravessasse o olhar, acrescenta num tom agora mais grave:

“Mas, doutor, os que já não sentem o vento e o mar... esses, coitados, perdem-se. Não encontram em que se ancorar e vão-se... Afogam-se nessas mares sintéticas... à procura do que já não têm dentro. Que perderam. E quando isso nos foge, tudo vai junto.”

“Doutor, os açorianos... nós não dobramos. Seja qual for o vento, a maré, o fogo. Somos feitos daquilo que o mar e a ilha nos forjou. E enquanto o mar nos chamar, vamos. Mas quebramos sem rumo. Sem Deus. Sem comando.”

Naquele instante, ficamos num silêncio que fala mais do que as palavras. Deixo-o preencher a sala, com uma onda de sabedoria. Porque o que me diz não se explica. Entranha-se, saboreia-se, como um truque de magia que encanta, mesmo sem explicação.

\* Médico psiquiatra e adictologista

## Legado de 100 anos da Associação de Futebol é “dignificado” pelos actuais clubes, valoriza Pedro Nascimento Cabral

O Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, destacou o “legado imenso” da Associação de Futebol de Ponta Delgada no jantar comemorativo dos 100 anos da instituição, considerando “ser dignificado” pelos actuais clubes e entidades desportivas. “Que continuemos a saber honrar este legado, que sei ser dignificado no presente e espero prolongado no futuro com o mesmo sucesso”, afirmou, na cerimónia realizada em Ponta Delgada.

Na ocasião, Pedro Nascimento Cabral fez questão de cumprimentar todos os dirigentes e jornalistas desportivos presentes no aniversário, enaltecendo a preponderância da acção que desenvolvem em favor da promoção do futebol e do futsal nas ilhas de São Miguel e Santa Maria.

O autarca aproveitou ainda o momento para enaltecer a postura exemplar, bem como o trabalho prestigiante e resiliente do Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada, Robert Da Camara, à frente dos destinos da instituição.

“Ele, de facto, tem sabido erguer bem alto o nome desta associação.



É o verdadeiro obreiro desta missão árdua de defender e promover o nosso futebol e um digno sucessor de todos aqueles que, um dia, ousaram introduzir a modalidade em Ponta

Delgada”, frisou.

A intervenção do Presidente do Município revisitou, por isso, a génese do futebol na ilha de São Miguel, elencando os principais

introdutores da modalidade na ilha de São Miguel, no final do século XIX, nomeadamente Rolando de Viveiros, Marquês de Jácome Correia, Weber Tavares, Edgardo Garcia e Alfredo Pinto, José de Carvalho, António Botelho da Câmara, José Morais Pereira, Padre James Machin, Raul Pregadeiro, Alberto Morais de Carvalho, Martiniano da Silva, Ernesto Pinto, Guilherme Machado de Faria e Maia, Manuel da Silva, Joaquim Correia e Silva, Aristides Moreira da Mota, João de Morais Pereira e João José de Viveiros.

A Associação de Futebol de Ponta Delgada entregou, esta Segunda-feira, a mais de 30 clubes, certificados de entidades formadoras da Federação Portuguesa de Futebol, relativos às últimas duas épocas desportivas.

O Processo de Certificação de Entidades Formadoras da FPF ajuda os clubes na organização a nível directivo, técnico e médico, sendo o mesmo requerido para que as equipas possam participar em determinadas provas, como é o caso do Campeonato de Futebol dos Açores e do Campeonato Nacional III Divisão Série Açores de Futsal.